

# Jornalismo guiado por dados como ferramenta para o *fact-checking*: uma experiência laboratorial

## Data-driven journalism as a tool for fact-checking: a laboratorial experience

Fabiana Freitas<sup>1</sup>  
Marília Gehrke<sup>2</sup>  
Taís Seibt<sup>3</sup>

**Resumo:** Este artigo discute o jornalismo guiado por dados como elemento central no método de *fact-checking* (checagem de fatos), a partir da experiência no curso de extensão Laboratório de *Fact-checking*, realizado na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Com base nas percepções dos estudantes, o texto aponta as dificuldades encontradas pelos alunos e reflete sobre as potencialidades e limitações percebidas em sala de aula.

**Palavras-chave:** Fact-checking. Jornalismo guiado por dados. Ensino.

**Abstract:** This paper discusses data-driven journalism as a key element in the fact-checking method, based on experience in the Fact-checking Laboratory extension course, held at the Federal University of Rio Grande do Sul (UFRGS). Based on students' perceptions, the text points out the difficulties encountered by the students and reflects on the potentialities and limitations perceived in the classroom.

**Keywords:** Fact-checking. Data Drive Journalism. Teaching.

.....

---

<sup>1</sup>Jornalista, mestra e doutoranda em Comunicação no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGCOM/UFRGS). Co-criadora da Troco Dados.

<sup>2</sup>Jornalista, mestra e doutoranda no PPGCOM/UFRGS. Co-criadora da Troco Dados.

<sup>3</sup>Jornalista, mestra em Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos) e doutoranda no PPGCOM/UFRGS. Co-fundadora do Filtro Fact-checking.

## 1 Introdução

O chamado “jornalismo pós-industrial” força um reposicionamento do repórter no ecossistema midiático contemporâneo, afinal o profissional “já não produz observações iniciais, mas exerce uma função cuja ênfase é verificar, interpretar e dar sentido à enxurrada de texto, áudio, fotos e vídeos produzida pelo público” (ANDERSON; BELL; SHIRKY, 2013, p. 43). Assim, pode-se dizer que o ambiente de difusão de informação dominado por plataformas digitais de livre compartilhamento de conteúdos criou um paradoxo: ao invés de mais informação, o cenário é de desinformação. Tornou-se uma preocupação global a proliferação de “fake news”, ou “notícias falsas”<sup>4</sup> na tradução mais trivial, e seus possíveis efeitos em processos eleitorais recentes, como o plebiscito sobre a saída do Reino Unido da União Europeia – conhecido como Brexit – e a campanha de Donald Trump à presidência dos Estados Unidos.

As medidas anunciadas pelo *Facebook*, plataforma mais proeminente entre os internautas e apontada como ferramenta estratégica na propagação de conteúdos fraudulentos<sup>5</sup>, incluem acordos com agências de checagem de fatos credenciadas pela *International Fact-checking Network* (IFCN), rede que agrega iniciativas de *fact-checking* (checagem de fatos) no mundo todo, sob um mesmo código de princípios. Embora a prática ainda não esteja totalmente consolidada no Brasil, as iniciativas do gênero têm se fortalecido nos últimos anos, e a extensão do projeto do *Facebook* contra “*fake news*” para o Brasil coloca o *fact-checking* ainda mais em evidência, despertando a atenção de estudantes de

---

<sup>4</sup> Não é o propósito do artigo discutir o conceito de *fake news*, que é ainda bastante abstrato, mas vale pontuar a consideração de Eugênio Bucci, em entrevista recente ao jornal *O Povo*, sobre a tradução de “fake news” não como “notícia falsa”, e sim como “notícia fraudulenta”, como propõe Carlos Eduardo Lins da Silva. “Não se resume à publicação de informações incorretas ou informações não factuais. Nós estamos diante de uma usina de produção de notícias fraudulentas, que são forjadas com aparência de ser jornalística confiável, mas não são, com o propósito de fraudar os processos decisórios das democracias. Isso quer dizer que a expressão *fake news* designa uma notícia fabricada com má intenção, que se vale do aspecto de uma notícia jornalística com o propósito de enganar o público. É muito diferente, portanto, de um erro jornalístico, coisas que acontecem todo dia. Uma boa redação jornalística quando comete um erro, ela procura se corrigir.” (BUCCI, 2018, on-line).

<sup>5</sup> Em março de 2018, um ex-funcionário da consultoria Cambridge Analytica revelou como dados pessoais foram usados pela empresa para gerar conteúdos direcionados a determinados públicos no Facebook durante as campanhas do Brexit e de Trump (GUIMÓN, 2018, on-line). Após as revelações, Mark Zuckerberg, CEO do Facebook, foi chamado a dar explicações ao Congresso Americano e anunciou medidas para minimizar o impacto de conteúdos potencialmente falsos em sua plataforma.

jornalismo e também de jornalistas que buscam reposicionamento no ecossistema contemporâneo de notícias em rede.

Tais circunstâncias nos levam a refletir sobre o ensino da prática jornalística, tendo em mente que uma das tendências para a profissão está relacionada ao cruzamento de bancos de dados (ANDERSON; BELL; SHIRKY, 2013). Neste artigo, discutimos o jornalismo guiado por dados como elemento central no método de apuração do *fact-checking*. O estudo parte da experiência no curso de extensão Laboratório de *Fact-checking*, com alunos de Jornalismo da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), em quatro encontros entre abril e maio de 2018. Dessa forma, um dos objetivos do trabalho é registrar as atividades da oficina, podendo inspirar experiências similares na formação de jornalistas, tendo em vista que estamos em meio ao processo de implantação de novos currículos de graduação em Jornalismo nas universidades brasileiras<sup>6</sup>.

Com base nos conhecimentos teóricos e no panorama atual do *fact-checking*, a proposta aqui apresentada alia descrições da experiência em sala de aula às percepções dos alunos, bem como à produção do conteúdo, permitindo, ao menos preliminarmente, tecer conclusões acerca da prevalência do jornalismo guiado por dados como ferramenta para a verificação, seus limites e potencialidades tanto no ensino quanto na prática jornalística.

## **2 *Fact-checking*: origem e iniciativas**

O *fact-checking* surgiu nos Estados Unidos, tendo como propulsor o quadro ancorado por Brooks Jackson na *CNN*, em 1992, no qual confrontava dados dos candidatos à presidência. Na internet, o gênero encontrou espaço para amadurecer e se firmar como um movimento de reforma do jornalismo que resgata princípios balizadores da ideologia profissional, como verdade e objetividade (GRAVES, 2016). Mais que um gênero ou formato de cobertura jornalística em tempos de campanha eleitoral, o *fact-checking* é tomado por Lucas Graves (2016, p. 63) também como um “movimento”, que “reflete e reproduz a cultura

---

<sup>6</sup> O Ministério da Educação publicou novas diretrizes para as faculdades de Jornalismo em 2013. Segundo o documento, o curso deve “[...] preparar profissionais para atuar num contexto de mutação tecnológica constante no qual, além de dominar as técnicas e as ferramentas contemporâneas, é preciso conhecê-las em seus princípios para transformá-las na medida das exigências do presente” (Ministério da Educação, 2013, p. 2).

profissional atrelada a um jornalismo mais analítico”<sup>7</sup>. Para o autor (2016, p. 9), os *fact-checkers* decretam uma crítica à cobertura jornalística convencional e constituem “organizações jornalísticas estreitamente adaptadas ao ecossistema contemporâneo de notícias em rede”. A prática teve impulso adicional em 2009, quando o site *PolitiFact* venceu o Prêmio Pulitzer, principal honraria do jornalismo nos Estados Unidos, e inspirou dezenas de iniciativas naquele país.

Ao redor do mundo, o *fact-checking* vive, atualmente, uma expansão prodigiosa, como demonstra um levantamento recente do *Duke Reporters’ Lab*: o número de projetos ativos de verificação de fatos mais do que triplicou desde o primeiro levantamento, feito em 2014, passando de 44 para 149 iniciativas (STENCEL; GRIFFIN, 2018, on-line). Destas, 47 iniciativas já foram credenciadas pela IFCN<sup>8</sup>. No Brasil, oito operações de checagem foram mapeadas em 2018. Além de *Agência Lupa*, *Aos Fatos* e *Truco*, que já estavam nos levantamentos anteriores, foram incluídos os sites *Boatos.org* e *E-farsas*, bem como as seções *É isso mesmo?*, do jornal *O Globo*, e *UOL Confere*, do portal *UOL*. O mapa mostra, além disso, uma seção do *Portal EBC*.

Desde o final de 2017, outros veículos estabelecidos também lançaram espaços de checagem, como o portal *GI*, com a seção *É ou não é?*, e o jornal *Extra* com o *#ÉBoato* ou *#ÉVerdade*. Há, ainda, a seção *Prova Real*, da rede de comunicação *NSC*, em Santa Catarina, que produz conteúdos de checagem em vários formatos para rádios, programas de televisão, jornais e sites do grupo. Também cabe pontuar, ademais, o surgimento de novas iniciativas recém implantadas ou em fase de implementação, como é o caso do *Filtro Fact-checking*, no Rio Grande do Sul, e da *Agência Ajuri*, no Amazonas, ambas com campanhas de financiamento coletivo lançado em 2018 para impulsionar sua estruturação.

Dentre os princípios estabelecidos pela IFCN e que norteiam a prática do *fact-checking*, estão: transparência em relação à metodologia; transparência na escolha das fontes; transparência quanto ao financiamento; política pública de correções; apartidarismo. Pode-se

<sup>7</sup> “The fact-checking movement reflects and reproduces the Professional culture tied to more analytical journalism.”

<sup>8</sup> “The number of fact-checkers around the world has more than tripled over the past four years, increasing from 44 to 149 since the Duke Reporters’ Lab first began counting these projects in 2014 — a 239 percent increase.”

observar, portanto, que há uma centralidade na transparência em relação aos procedimentos dessas iniciativas, o que aproxima o método de verificação do jornalismo guiado por dados, como veremos a seguir.

### 3 Verificação, dados e métodos

A verificação da informação é destacada como um dos nove elementos do jornalismo por Bill Kovach e Tom Rosenstiel<sup>9</sup>. Para os pesquisadores, a essência do jornalismo está na disciplina da verificação, “[...] que separa o jornalismo do entretenimento, da propaganda, da literatura ou da arte” (KOVACH; ROSENSTIEL, 2004, p. 113).

Tal perspectiva, que defende a transparência dos métodos utilizados durante o processo de apuração, nos remete ao que Philip Meyer (1973; 2002) chamou de jornalismo de precisão, e cujas premissas, junto com técnicas da Reportagem Assistida por Computador (RAC), sustentam os pilares do conceito de jornalismo guiado por dados. Assim, para Träsel (2014, p. 90), o JGD se refere à “aplicação da computação e dos saberes das ciências sociais na interpretação de dados, com o objetivo de ampliar a função da imprensa como defensora do interesse público”.

O diferencial contemporâneo é que as plataformas digitais oferecem mecanismos que respondem melhor a esse apelo por transparência. Por meio de *hiperlinks* e outros recursos multimídia, é possível apresentar ao leitor o caminho percorrido pelo repórter. Assim, a apuração jornalística é alçada a um patamar de produto final, um produto típico da sociedade em rede<sup>10</sup>, em que “[...] através da rotina de checagem e confrontação dos dados, o fato da declaração ser verdadeira ou falsa se transforma na própria notícia” (DOURADO, 2016, p. 18). Isso teria conseqüências, segundo Dourado (2016), para a fiscalização da cobertura

---

<sup>9</sup> São considerados por Kovach e Rosenstiel (2004) elementos do jornalismo: obrigação do jornalismo com a verdade; lealdade com os cidadãos; essência na disciplina da verificação; independência na cobertura; jornalismo como monitor independente do poder; jornalismo como espaço para a crítica e o compromisso público; empenho na apresentação do que é significativo de forma interessante e relevante; apresentação das notícias de forma compreensível e proporcional; liberdade dos jornalistas para trabalho de acordo com a sua consciência.

<sup>10</sup> O conceito de “sociedade em rede” remete a Manuel Castells (1999), que introduziu a expressão ao abordar as transformações do capitalismo global, a partir dos anos 1970, descrevendo um contexto de forte influência das novas tecnologias de comunicação e informação nos processos econômicos, políticos e sociais em geral.

política convencional, a transparência das informações políticas e a credibilidade do ator político, oferecendo ao cidadão melhores condições para argumentar sobre temas de interesse público.

A verificação ganha relevância no ambiente de hiperconcorrência característico do paradigma do “jornalismo de comunicação” (CHARRON; DE BONVILLE, 2016), no qual todos os discursos, inclusive o informativo, para atrair a atenção do leitor, precisam entreter<sup>11</sup>. Esse modelo que, de certa forma, favoreceu a disseminação das chamadas matérias “caça-clique” no jargão dos repórteres, agora é questionado, podendo até mesmo impulsionar uma mudança estrutural do jornalismo<sup>12</sup>. Nesse cenário, ser transparente em relação às fontes consultadas torna-se uma exigência para a confiabilidade da informação.

Em entrevista recente a Gehrke e Mielniczuk (2017), Philip Meyer afirma que os jornalistas precisam ganhar a confiança de seus leitores e indicou que citar as fontes é uma das formas de se fazer isso, de modo que o leitor seja capaz de seguir a mesma lógica adotada na reportagem e conseguir tirar suas próprias conclusões.

Pensando nisso, Gehrke (2018) traz uma atualização da classificação do uso de documentos como fonte para o jornalismo guiado por dados. Após revisão bibliográfica e pesquisa empírica, a autora chegou a três categorias: **arquivo documental**, que compreende leis, planos, projetos, programas, rankings, publicações e outros; **estatística**, que envolve o uso de bases de dados públicas, séries históricas, indicadores, taxas, relatórios e outros; e **reprodução**, que está ligada aos documentos que contemplam textos e publicações em colunas, blogs, sites de redes sociais, comunicados públicos e conteúdo publicado por outros veículos jornalísticos.

---

<sup>11</sup> Brevemente, pode-se dizer que o paradigma corresponde a um “sistema normativo”, um conjunto de regras com uma prática fundamentada e reconhecida pela comunidade jornalística (CHARRON; DE BONVILLE, 2016, p. 68). Em seu trabalho, Charron e De Bonville (2016) descrevem quatro paradigmas: o “jornalismo de transmissão”, quando comerciantes começam a atuar como impressores de jornais no século XVII. A partir do século XIX, as finalidades comerciais ficam em segundo plano e os jornais são postos a serviço de lutas políticas, é o “jornalismo de opinião”. Entre o final do século XIX e início do século XX, surge o “jornalismo de informação”: o jornal passa a ser caracterizado por um certo tipo de texto, a notícia. Finalmente, surge o “jornalismo de comunicação”, a partir da década de 1970, marcado pela multiplicação dos suportes midiáticos e a consequente hiperconcorrência.

<sup>12</sup> A problemática da mudança estrutural do jornalismo é objeto de estudo da tese de doutorado de Taís Seibt, “Jornalismo de verificação: a prática do fact-checking no Brasil”, em fase de conclusão.

Machado (2002) já identificava, no início dos anos 2000, as facilidades que o ciberespaço poderia trazer na consulta às fontes para o jornalismo. O autor falava sobre uma multiplicidade de fontes disponíveis sem a necessidade de deslocamento físico ou geográfico para a obtenção do material de consulta. Dessa forma, bancos de dados públicos e consultas a outros documentos, como diários oficiais, editais, contratos e registros de recursos públicos poderiam incrementar as consultas dos jornalistas e trazer a diversificação das fontes consultadas.

Com a ascensão de políticas de transparência pública pelo mundo, aumentou também o acesso às fontes documentais oficiais. No Brasil, ainda que o direito à informação pública esteja assegurado pela Constituição Federal de 1988, foi em maio de 2012, quando a Lei de Acesso à Informação (LAI) entrou em vigor, que os dados públicos se tornaram mais acessíveis aos jornalistas, antes dependentes das assessorias de imprensa e fontes com acesso privilegiado.

Entretanto, apesar de mais acessível, o trabalho de verificação através de bancos de dados, na prática, nem sempre é fácil: além de entender as lógicas por trás dos números oficiais, os jornalistas precisam dominar ferramentas, e, cada vez mais, desenvolver habilidades técnicas para coletar e analisar os dados disponíveis na *web*. A necessidade, portanto, de dar um tratamento analítico às informações se configura como uma oportunidade de mercado para os profissionais -- apontando, como consequência, novas perspectivas para o ensino do jornalismo.

#### **4 Ensino de JGD e práticas laboratoriais de *Fact-checking***

Essa percepção vai ao encontro da visão de Mielniczuk e Träsel (2017), que propõem uma reflexão sobre o ensino como um vetor de difusão de práticas inovadoras no jornalismo, o que inclui o uso de dados na apuração de notícias, a fim de explorar diferentes métodos de trabalho e ferramentas viabilizados pelas mídias digitais. Nesse sentido, os autores defendem a importância de "voltar o olhar para as experiências de ensino do JGD dentro das universidades e fora delas" (MIELNICZUK; TRASEL, 2017, p. 617), o que prevê a

incorporação de disciplinas no currículo universitário, bem como a proposta de experiências práticas em laboratórios de ensino e extensão.

Nesse sentido, Romero *et al* (2017) sugerem que a checagem de fatos pode ser utilizada no ambiente de aprendizagem como estratégia para a criação de uma “situação experimental” para a construção de conhecimento sobre apuração noticiosa pelos próprios estudantes. Com base em uma experiência prática<sup>13</sup>, os autores consideram o fenômeno da checagem “como uma importante ponte de discussão teórico-prática, que fundamenta o ensino de técnicas de apuração em um contexto inventivo e coletivo” (ROMERO et al, 2017, p.6). Os autores pontuam também que a checagem de dados tem como fundamento central técnicas de apuração jornalística, remodeladas no Paradigma do Jornalismo Digital em Bases de Dados, a que o JGD está vinculado (BARBOSA; TORRES, 2013).

É preciso levar em conta, no entanto, que uma experiência laboratorial com graduandos difere do trabalho feito por agências especializadas em *fact-checking* ou por profissionais acostumados a colocar em prática os procedimentos do JGD em seu trabalho diário de apuração. O ponto principal a ser considerado é a experiência no tratamento da informação. Por essa razão, Heravi (2017) afirma que os jornalistas já graduados estão familiarizados com processos do fazer jornalístico, como acionar fontes, verificar informação e elaborar a narrativa da notícia. Para Heravi (2017), esse grupo precisa de treinamento específico em JGD, como coleta e limpeza de dados e análise estatística para o trabalho com essas informações. Já entre os estudantes de graduação em jornalismo - foco da nossa atenção neste trabalho -, as primeiras habilidades a serem desenvolvidas são as de investigação jornalística.

Partindo desses pressupostos e levando em consideração a importância das práticas laboratoriais em cursos de extensão para a formação profissional, compartilhamos, neste trabalho, as percepções dos estudantes ao longo de um curso de extensão em formato de

---

<sup>13</sup> A experiência foi realizada do Laboratório de Experimentação em Jornalismo (LEx) da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), no Rio Grande do Sul, a partir da construção do "Mitômetro", um método de checagem de dados. A ferramenta de ensino foi elaborada pela equipe do LEx a partir do mapeamento e análise de diversos métodos de *fact-checking* utilizados na América Latina, a fim de contribuir com ensino do jornalismo experimental em ambientes de aprendizado.



oficina, realizado no período de 7 de abril a 5 de maio de 2018, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

## 5 Experiência laboratorial

O curso de extensão “Laboratório de *Fact-checking*” teve duração de quatro semanas, com aulas presenciais aos sábados e carga horária total de 20 horas/aula. Das 20 vagas oferecidas aos alunos de graduação em jornalismo da UFRGS, 19 foram preenchidas por alunos do terceiro ao sétimo período de curso. As inscrições para o curso foram gratuitas.

No primeiro encontro, foram repassadas instruções gerais sobre a origem do *fact-checking* e quais são as etapas do método de verificação seguido por iniciativas signatárias do código de princípios da IFCN. A turma foi dividida em duplas e trios, mesclando, portanto, alunos mais adiantados com estudantes em início de curso. Cada grupo ficou encarregado de fazer checagens de discursos de um dos pré-candidatos ao governo do Estado do Rio Grande do Sul. A segunda aula foi dedicada às técnicas de reportagem assistida por computador e jornalismo guiado por dados, com ênfase no acesso às fontes documentais. Os dois últimos encontros foram dedicados à prática de checagem, desde a seleção de frases para checar até a atribuição e contextualização de etiquetas.

Como atividade de preparação para a prática, os grupos foram orientados a buscar na *web* materiais que pudessem fornecer subsídios para checagens: discursos, entrevistas, pronunciamentos, materiais de campanha dos pré-candidatos ao governo gaúcho. No terceiro encontro, cada grupo recebeu orientações, individualmente, para a seleção das frases a serem checadas, a fim de definir caminhos possíveis para a verificação. Durante a aula, os estudantes consultaram relatórios, projetos, contratos, licitações, estudos, planilhas e outros tipos de documentos, em geral disponíveis nos portais de transparência do poder público.

As sentenças passíveis de verificação pressupõem, desde a seleção, afirmações que contenham evidências geralmente divulgadas pelas fontes oficiais, especialmente nos bancos de dados públicos. São consideradas declarações checáveis aquelas que contenham números,

comparações, dados estatísticos, que façam menção a documentos ou fatos históricos<sup>14</sup>. Assim, o jornalista “checador” passa a desenvolver habilidades para trabalhar com planilhas, fórmulas e gráficos que servirão de subsídio para atribuir, ao final do processo, as etiquetas de veracidade da declaração.

O encontro final foi dedicado à finalização da checagem e atribuição das etiquetas, conforme classificação da iniciativa *Filtro Fact-checking*, cuja metodologia orientou a experiência prática durante a oficina. A metodologia do Filtro é livremente inspirada no projeto Truco<sup>15</sup>, da Agência Pública, um dos pioneiros na prática de *fact-checking* no Brasil.

Seguindo as etiquetas do *Filtro*, foram utilizadas, além de “verdadeiro” e “falso”, as seguintes terminologias: “exagerado” (aponta uma tendência correta, mas o dado é inflado), “discutível” (a conclusão varia de acordo com a metodologia adotada), “distorcido” (dados usados para produzir uma falsa interpretação da realidade), “sem contexto” (a declaração está correta, mas não explica o contexto), “impossível provar” (não existem dados confiáveis – oficiais ou de outras fontes – que sustentem a afirmação) e “contraditório” (a afirmação contradiz declarações anteriores do mesmo autor).

## 5 Na prática: relatos de aprendizagem e a avaliação dos alunos

A experiência laboratorial mostrou, especialmente, que há demanda dos estudantes pela inclusão de conteúdos contemporâneos e de caráter teórico-prático na universidade. O curso foi projetado para ofertar 20 vagas e contou com 19 estudantes com total assiduidade nas aulas e na entrega do trabalho final.

As percepções dos estudantes foram coletadas para este artigo por meio do relato oral e através de um questionário de avaliação<sup>16</sup>. Também foram considerados os trabalhos

<sup>14</sup> Os critérios de seleção de frases checáveis constam nos protocolos das iniciativas e seguem os parâmetros da IFCN. No caso em análise, referem-se ao método do Filtro Fact-checking.

<sup>15</sup> O Truco teve sua primeira edição nas eleições presidenciais de 2014, procedendo a verificação de declarações dos candidatos no horário eleitoral gratuito de televisão. No ano de 2015, o projeto operou em parceria com o site Congresso em Foco, verificando discursos no Congresso Nacional. Em 2016, houve uma nova edição na cobertura das eleições municipais em seis capitais: São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Brasília, Recife e Belém. A partir de março de 2017 o Truco tornou-se uma seção fixa no site da Agência Pública, com checagens periódicas. As outras iniciativas consideradas pioneiras no Brasil, Agência Lupa e Aos Fatos, começaram a operar em 2015.

<sup>16</sup> A enquete foi feita através de um formulário não-identificável, enviado por email, após o término da oficina.

enviados por e-mail, como a listagem de frases possíveis para checagem e apuração final propriamente dita, publicada, após edição<sup>17</sup>.

Os aspectos que mais chamam a atenção nas percepções dos alunos se referem, especialmente: a) **ao formato da oficina**, no que tange à oportunidade para problematizações teórico-práticas tanto dos conceitos que guiam o *fact-checking* quanto às técnicas do JGD, estimulando o senso crítico e engajamento dos futuros jornalistas; b) **aos procedimentos de apuração jornalística**, considerando a necessidade de habilidades relacionadas às ferramentas digitais, bem como o conhecimento das fontes jornalísticas que precisavam ser acionadas nas checagens; e c) **à construção do texto jornalístico e à transparência do método do trabalho**, já que no *fact-checking* é preciso escolher etiquetas, bem como fazer referência às fontes acionadas e possíveis evidências relacionadas à referida informação em *sites* oficiais.

Sobre **o formato da oficina (a)**, é válido mencionar a importância, para os alunos, da disponibilidade, de forma presencial, de instrutores capacitados para tirar dúvidas ao longo do processo. Ao serem perguntados no questionário de avaliação em que momento a presença de instrutores foi mais importante para o aprendizado, os alunos apontaram para os momentos de tomada de decisão sobre as frases passíveis de serem checadas, a escolha da etiqueta e a construção do texto, segundo as diretrizes conceituais do *fact-checking*, bem como, e principalmente, no direcionamento para possíveis fontes e caminhos possíveis para coleta de dados e contato com as assessorias de imprensa. A autonomia dada aos alunos, ao longo do período, também foi pontuada por um dos respondentes do questionário, como mostra o trecho a seguir:

A experiência dos ministrantes foi muito importante para nos sugerir caminhos que talvez fôssemos demorar mais para encontrar. Sendo importante frisar que a sugestão foi igualmente importante. Nenhum dos ministrantes assumiu as rédeas do nosso trabalho, mas sim nos orientaram e nos refrescaram pontos das aulas que nos facilitaram seguir por esse ou aquele caminho, deixando que nós mesmos pensássemos para executar a checagem. (Estudante 1)

---

<sup>17</sup> As checagens do Laboratório de Fact-checking farão parte da coleção “FiltroLab”, com checagens realizadas durante oficinas de formação oferecidas pelo Filtro Fact-checking ao longo do primeiro semestre de 2018. A publicação está prevista para julho de 2018, antes do início da campanha eleitoral.

Todos os alunos que responderam ao questionário enaltecem a oportunidade de aprofundar as discussões teórico-práticas e problematizações possíveis no ensino laboratorial. O conteúdo também foi considerado inédito pela maioria dos estudantes, bem como a clareza dos temas discutidos, as dinâmicas propostas, o material didático e as leituras de apoio indicadas no plano de ensino.

No que se refere **aos procedimentos de apuração jornalística (b)**, chama a atenção que a dificuldade do processo, em sua totalidade, é vista com surpresa pelos estudantes, como mostra o relato a seguir, em relação ao Laboratório de *Fact-checking*:

Gostei muito do laboratório e me surpreendi bastante. Achei mais complicado do que eu imaginava, pois muitos dados não estão disponíveis ou estão disponíveis de modo aleatório e cabe ao jornalista juntar as informações e entender o que cada uma quer dizer. (Estudante 2)

A pouca vivência prática na verificação de informações pode ser uma das razões para a dificuldade que alguns alunos encontraram durante a seleção das afirmações passíveis de serem checadas e das principais dúvidas relacionadas ao método do *fact-checking* em si.

Assim, chama a atenção que as maiores dificuldades encontradas pelos alunos estão relacionadas às técnicas de apuração da notícia, que servem de base tanto para o *fact-checking* quanto para o JGD. Durante o laboratório, elas se concentraram especialmente: **a)** no reconhecimento e rastreamento das fontes, especialmente documentais, para a checagem das afirmações; **b)** busca de dados nos *sites* oficiais para a checagem das afirmações; **c)** análise de dados propriamente dita, a fim de encontrar a informação divulgada pelo candidato analisado, que muitas vezes pode ter sido resultado de uma estatística feita a partir de determinado viés.

No que se refere à identificação das fontes, dos oito alunos (referente a 42,10% dos 19 inscritos na turma) que responderam ao questionário avaliativo, metade atribuiu grau de dificuldade 4 (em uma escala de 1 a 5, sendo que 1 é o mínimo e 5 o máximo) para encontrar as fontes necessárias. As demais respostas distribuíram-se nos graus 2, 3 e 5. Nota-se que os estudantes estão mais acostumados a acionar fontes pessoais, como pessoas públicas e assessorias de imprensa. Já o uso dos três tipos de fontes documentais, incluindo arquivo documental, estatística e reprodução (GEHRKE, 2018), gera, por vezes, dificuldades de

extração de informação e insegurança - o fato de não perguntar diretamente a uma pessoa e sim a um documento parece ser algo mais distante da rotina dos graduandos.

Entre os oito respondentes do questionário, metade assinalou grau máximo de dificuldade para encontrar os dados necessários à checagem da frase. Outros dois alunos entenderam que as dificuldades eram de nível quatro, somando 75% dos que consideraram difíceis os processos. É importante ressaltar que, durante o processo de análise de dados, os alunos tiveram a oportunidade de perceber a falta de familiaridade com o manejo de softwares cada vez mais usados no processo de apuração, como as planilhas de Excel, por exemplo, além do conhecimento da matemática para efetuar cálculos simples. Esse entendimento fez, inclusive, um estudante sugerir mais tempo dedicado ao trabalho às técnicas de JGD em laboratórios futuros de *fact-checking*:

Acho que seria interessante os ministrantes adicionarem um pouco mais de tempo para a parte das planilhas e procura por documentos na internet. Observei que essa parte foi bastante útil e presente em todas as checagens, e seria interessante que ganhasse mais tempo na exposição teórica e nos tutoriais antes dos alunos partirem para a tarefa proposta. (Estudante 3)

O terceiro quesito que mais chama a atenção na percepção dos alunos se refere à **construção do texto jornalístico e à transparência do método do trabalho (c)**. É nessa fase, mais próxima do término do processo, que acreditamos que os procedimentos oriundos dos pressupostos teóricos do *fact-checking* e do JGD mais se aproximam, no que tange à transparência ao método do trabalho ao leitor, como forma de evidenciar as verificações -- ao passo que mais se distanciam -- visto que o texto jornalístico no *fact-checking* pressupõe a escolha de etiquetas. Nessa etapa, é importante mencionar a percepção, por parte dos alunos, dos aspectos subjetivos no processo de construção do discurso e sua conseqüente problematização (tanto em relação ao contexto das frases escolhidas para análise quanto à etiqueta e texto redigido pelo repórter).

Vale ponderar que a conclusão da checagem não se resume à atribuição de uma etiqueta: é preciso contextualizar e esclarecer os elementos que sustentam tal escolha. Nesse sentido, o *fact-checking* assume um caráter mais interpretativo ou analítico, como propunha Graves (2016), o que afasta uma visão positivista do método de verificação como um

procedimento livre de falhas ou contestação. Pelo contrário, por estar fundamentado na transparência, o método do fact-checking oferece os subsídios para sua crítica: “[...] mostra o respeito dos jornalistas por seu público. Permite a este julgar a validade da informação, o processo pelo qual essa mesma informação foi obtida e os motivos e preconceitos do jornalista que a transmite” (KOVACH; ROSENSTIEL, 2004, p. 127). A longo prazo, defendem os autores, um jornalismo mais transparente poderia fazer surgir um público mais preparado para diferenciar informação de interesse público de outros conteúdos.

## 6 Considerações finais

Este artigo discutiu o jornalismo guiado por dados e suas práticas como elemento central no processo de verificação de afirmações proposto pelo *fact-checking*. Os dados constituem a principal fonte no JGD e, dessa forma, seu entendimento e busca em bancos de dados públicos, relatórios, contratos e outros documentos são fundamentais para a checagem. A discussão teórica desses eixos esteve aliada à experiência do curso de extensão Laboratório de *Fact-Checking*, realizado durante quatro encontros nos meses de abril e maio de 2018 na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

Entre os obstáculos citados pelos estudantes no processo de *fact-checking* durante o laboratório apareceram a dificuldade de entender os mecanismos de busca nos sites e encontrar os dados necessários para a checagem - o que pressupõe problemas na localização da fonte -, e a contextualização dos dados - para os alunos, foi um desafio trabalhar com grandes quantidades de informação e trazer seu significado para a checagem. É importante apontar também a falta de familiaridade com questões de legislação e a falta de respostas da assessoria de imprensa. Cabe ressaltar que, ao final da experiência laboratorial, a grande maioria dos alunos observou, tanto nos relatos orais quanto nos questionários, que os aprendizados serão importantes para sua formação de forma geral e no desempenho em outras disciplinas práticas do curso de jornalismo.

A verificação de fatos e dados, embora presente na ideologia profissional, esbarra no desconhecimento de métodos e ferramentas para que seja incorporada como prática. Fica clara a necessidade de incluir nos currículos das universidades, ainda que em iniciativas de

extensão, projetos laboratoriais que incentivem o uso de ferramentas digitais a fim de estimular a prática das técnicas do jornalismo guiado por dados, em compasso com possíveis problematizações durante seu uso. Ampliar a oferta desse tipo de conteúdo tende a ter um impacto positivo na atuação profissional dos jornalistas, qualificando processos de apuração e, conseqüentemente, o conteúdo produzido.

Podemos inferir, a partir dos relatos dos alunos, que os conteúdos apresentados no Laboratório, somados à experiência prática proporcionada em sala de aula, atendem a uma demanda contemporânea essencial à formação de jornalistas, porém ainda pouco trabalhada nas disciplinas regulares, inclusive por se tratar de um conteúdo recente e exigir uma formação mais específica do professor e/ou facilitador. Dessa forma, acaba tornando-se um empecilho para a divulgação e ascensão da prática. Os estudantes apontaram que a presença dos ministrantes do laboratório foi importante para tirar dúvidas e dar mais segurança para encontrar e selecionar as informações necessárias, além de auxiliar no processo de identificação das fontes e de contextualização.

Entre as potencialidades percebidas estão a necessidade de maior atenção ao ensino do processo de apuração jornalística junto às fontes documentais, cujo processo de consulta é diferente das entrevistas tradicionais. Com a possibilidade de se obter documentos através da Lei de Acesso à Informação e outras iniciativas de transparência pública, a tendência é que continue sendo disponibilizado um volume cada vez maior de informação. Cabe ao jornalista, como dissemos no início, ajudar a filtrar e promover a contextualização das informações para oferecer ao público um conteúdo qualificado.

Por fim, identificamos potencial em uma iniciativa já recorrente no *fact-checking*, que é o uso de *hiperlinks* para a identificação da fonte consultada. A transparência no método é um dos valores que tende a ser enfatizado nas iniciativas jornalísticas nesta época de desinformação, já que o público tem a oportunidade de repetir o passo a passo adotado na reportagem e avaliar a qualidade e a origem das informações divulgadas. O princípio da transparência, tão logo, está na base tanto do jornalismo guiado por dados quanto do *fact-checking*, sendo este, portanto, um dos principais aspectos que justificam a apropriação de técnicas de JGD no método de verificação.

## Referências bibliográficas

ANDERSON, C.W.; BELL, Emily; SHIRKY, Clay. **Jornalismo Pós-Industrial: adaptação aos novos tempos**. Revista de Jornalismo ESPM, abril-junho de 2013.

BARBOSA, Suzana; TORRES, Vítor. **O paradigma "Jornalismo Digital em Base de Dados"**: modos de narrar, formatos e visualização para conteúdos. **Galaxia** (São Paulo, Online), n.25, p.152-164, junho 2013.

BUCCI, Eugênio. Eugênio Bucci: “É evidente que caminhamos para um jornalismo melhor”. Entrevista. *Jornal O Povo*. Publicada em 7 jan. 2018. Disponível em <<https://www.opovo.com.br/jornal/dom/2018/01/eugenio-bucci-e-evidente-que-caminhamos-para-um-jornalismo-melhor.html>>. Acesso em 7 jan. 2018.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CHARRON, Jean; DE BONVILLE, Jean. **Natureza e transformação do jornalismo**. Florianópolis: Insular, Brasília: FAC Livros, 2016.

DOURADO, Tatiana. **Fact-checking como possibilidade de accountability do jornalismo sobre o discurso político: as três iniciativas brasileiras**. 40º Encontro Anual da Anpocs. ST17 Mídias, política e eleições. 2016.

GEHRKE, Marília; MIELNICZUK, Luciana. **Philip Meyer, the outsider who created Precision Journalism**. Porto Alegre: *Intexto*, N. 39, 2017. p. 4-13.

GEHRKE, Marília. **O uso de fontes documentais no jornalismo guiado por dados**. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Informação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: UFRGS, 2018.

GRAVES, Lucas. **Deciding what’s true: the rise of political fact-checking in american journalism**. New York: Columbia University Press, 2016.

GUIMÓN, Pablo. “O ‘Brexit’ não teria acontecido sem a Cambridge Analytica”. Publicado em 26 mar. 2018. Disponível em: <[https://brasil.elpais.com/brasil/2018/03/26/internacional/1522058765\\_703094.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2018/03/26/internacional/1522058765_703094.html)> Acesso em 26 abr. 2018.

HERAVI, Bahareh. Teaching data journalism. In: MAIR, John et. al. (ed.). **Data journalism: past, present and future**. Suffolk: Abramis, 2017. p. 221-228.



KOVACH, Bill; ROSENSTIEL, Tom. **Os elementos do jornalismo**. São Paulo: Geração Editorial, 2004.

MACHADO, Elias. **O ciberespaço como fonte para os jornalistas**. [S.l.]: Biblioteca Online de Ciências da Comunicação - BOCC, 2002. Disponível em: <<http://bocc.ubi.pt/pag/machado-elias-ciberespaco-jornalistas.pdf>>. Acesso em 4 jun. 2018.

MEYER, Philip. **Precision Journalism: A Reporter's Introduction to Social Science Methods**. Indiana, EUA: Indiana University Press, 1973.

MEYER, Philip. **Precision Journalism**. Lanham: Rowman & Littlefield Publishers, 2002.

MIELNICZUK, Luciana; TRÄSEL, Marcelo. Jornalismo Guiado por Dados como inovação profissional e seus desafios para a educação. **Contemporânea** (Salvador, Online), v.15, n.02, p.609-629.

Ministério da Educação, Brasil. Resolução N° 1, de 27 de setembro de 2013. Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso de graduação em Jornalismo, bacharelado, e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 1° out. 2013. Seção 1, p. 26.

ROMERO, Luan; CÁCERES, Sabrina; MISSAU, Lucas; STORCH, Laura. **Mitômetro**: a construção de um método de checagem em ambiente de aprendizado. In: Anais do 7° Encontro Nacional de Jovens Pesquisadores em Jornalismo, São Paulo, 2017.

STENCEL, Mark; GRIFFIN, Riley. **Fact-checking triples over four years**. Publicado em: 22 fev. 2018. Disponível em: <<https://reporterslab.org/tag/fact-checking-census/>>

TRÄSEL, Marcelo. **Entrevistando planilhas**: estudo das crenças e do ethos de um grupo de profissionais de jornalismo guiado por dados no Brasil. Tese (Doutorado em Comunicação Social), PUCRS, Porto Alegre, 2014.